

# Agora, os japoneses hesitam

## Do correspondente

WASHINGTON — Agora são os japoneses que hesitam em participar do empréstimo-jumbo de US\$ 4,4 bilhões ao Brasil, segundo informaram ontem fontes do mercado financeiro, em Nova York. Desde sexta-feira, praticamente, não mudou o quadro da captação do Projeto 1, coordenado pelo banco Morgan Guaranty. Até então, o Brasil havia obtido pouco mais de US\$ 2,5 bilhões. A lentidão com que se desenvolve o projeto é atribuída, em parte, ao atraso das respostas dos japoneses.

De qualquer maneira, eles têm um bom prazo pela frente. O governo brasileiro já o estendeu até março. Mas alguns banqueiros ainda têm esperança de que a maior parte do "jumbo" possa ser arrebatada até o final de janeiro. Sergio de Freitas, diretor da área externa do Banco Itaú, de São Paulo, afirmou ontem, ao *Estado* que "a situação é realmente difícil, mas temos de dar sequência e completar os quatro projetos do governo em tempo".

"Esperamos que as providências que estão sendo tomadas dêem os resultados previstos", afirmou. Nas suas conversas com banqueiros internacionais, Freitas observou que estão todos muito preocupados. Acrescentou, entretanto, que "as coisas estão indo".

Disse, também, que "não há como não completar os projetos, pois as implicações seriam enormes". Na sua opinião, os projetos três e quatro são os mais difíceis. O Projeto 3 trata dos créditos comerciais a curto prazo, e o quarto das linhas de crédito interbancárias, também de curto prazo. O Projeto 2 refere-se à extensão dos prazos para o pagamento das amortizações de 1983. "Os quatro projetos são necessários. Os quatro têm de ter êxito. Os quatro ou nada, afirmou o diretor do Itaú.

## BANCOS CRIAM INSTITUTO

Um grupo de 35 bancos internacionais, dos quais três brasileiros, criou ontem uma organização para recolher informações sobre a situação financeira dos países em desenvolvimento e "promover melhor compreensão das transações internacionais de empréstimos". A organização chama-se "The Institute of International Finance, Inc" e terá sua sede em Washington. Os bancos brasileiros que

participaram da fundação do Instituto são o Itaú, o Real e o Bradesco, todos com sede em São Paulo. Os demais participantes, todos de grande porte, são do Canadá (4), França (2), Alemanha Ocidental (3), Itália (2), Japão (4), Suíça (3), Grã-Bretanha (4), Estados Unidos (10).

Num comunicado à imprensa, distribuído ao final da reunião do grupo coordenador, os banqueiros afirmam que "o Instituto provará um fórum conveniente através do qual os países tomadores individuais poderão apresentar e discutir suas projeções e planos econômicos".

O diretor da área internacional do Itaú, Sergio de Freitas, que representou os bancos brasileiros no encontro, é membro da diretoria provisória que foi constituída e do comitê de admissão do Instituto. Freitas disse ao *Estado*, por telefone, que o grupo coordenador que se reuniu em Washington nos últimos dois dias limitou-se a examinar questões ligadas à formação da entidade, ignorando os problemas conjunturais.

Uma nova diretoria será escolhida dentro de quatro ou cinco meses, quando o Instituto começar a operar, segundo Freitas. Mas a diretoria provisória voltará a se reunir em fins de março. Em Zurique. Antes disso, estarão ativos os quatro comitês encarregados da admissão de novos membros, do planejamento operacional, de encontrar uma sede permanente e de arregimentar quadros. O *staff* inicialmente será pequeno, não devendo superar 40 pessoas, incluindo a diretoria.

Uma fonte do Bank of America informou que o Instituto terá cerca de nove economistas, o que considera muito pouco para acompanhar a evolução da economia internacional, "Temos 50 no nosso banco só para isso".

"Não se pode esquecer — acrescentou — que os bancos competem entre si", com base nas mesmas informações, "alguns podem achar conveniente emprestar, e outros não. Eventualmente, os próprios países poderão procurar o Instituto, buscando seu apoio para as negociações com o sistema bancário. Espera-se, também, que a nova organização influencie o comportamento dos bancos menores, atenuando sua relutância em participar das operações de financiamento do Terceiro Mundo." (A.M.P.N.)